

SÃO PAULO, A “COSMÓPOLIS FASCINANTE”¹: A CIDADE DOS “CONDENADOS AO MODERNO”

SÃO PAULO, THE “FASCINATING COSMOPOLIS”: THE CITY OF “CONDEMNED TO MODERN”

SÃO PAULO, LA “COSMÓPOLIS FASCINANTE”: LA CIUDAD DE LOS “CONDEMNADOS A LO MODERNO”

Jaqueline Maria Trindade Silva²
Maria Thereza David João³

Resumo

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa bibliográfica básica, feita a partir de seleção e leitura de livros impressos, que tem como interesse aumentar nossa base de conhecimento científico através de reflexões e debates. O artigo se propõe analisar e entender a originalidade dos avanços socioculturais da cidade de São Paulo, em meados do século XX, relacionando-os com o cosmopolitismo, a internacionalização nas artes e a urbanização. A particularidade de São Paulo reside na presença de um tecido cultural plural, sobretudo de um mecenato cultural diversificado e de artistas e intelectuais que introduziram profundas rupturas em relação ao legado modernista dos anos 1920. Ademais, se destacará o caráter original das linguagens do período, analisando o cosmopolitismo de São Paulo, em meados da década de 1950. Acredita-se ter conseguido abordar o tema de forma sucinta e respaldada por fontes importantes, relacionadas a este período histórico, sem a pretensão de esgotar o assunto.

Palavras-chave: Cosmopolitismo. Urbanização. Internacionalização. Modernização. Modernismo.

Abstract

This work results from a basic bibliographic research, made from the selection and reading of printed books, which has the interest of increasing our scientific knowledge basis through reflections and debates. The article aims to analyze and understand the originality of the socio-cultural advances in the city of São Paulo, in the mid-20th century, relating them to cosmopolitanism, internationalization in the arts, and urbanization. The particularity of São Paulo resides in the presence of a plural cultural fabric, above all of the diversified cultural patronage and artists and intellectuals who introduced deep ruptures concerning the modernist legacy of the 1920s. In addition, the original character of the languages of the period will be highlighted, analyzing the cosmopolitanism of São Paulo, in the mid-1950s. It is believed to have managed to approach the topic succinctly and supported by important sources, related to this historical period, without the intention of exhausting the subject.

Keywords: Cosmopolitanism. Urbanization. Internationalization. Modernization. Modernism.

Resumen

Este trabajo es el resultado de una investigación bibliográfica básica, hecha a partir de selección y lectura de libros impresos, que tiene el interés de aumentar nuestra base de conocimiento científico por medio de reflexiones y debates. El artículo pretende analizar y entender la originalidad de los adelantos socioculturales de la ciudad de São Paulo, a mitad del siglo XX, y establecer relación entre ellos y el cosmopolitismo, la internacionalización en las artes y la urbanización. La particularidad de la ciudad de São Paulo está en la presencia de un tejido cultural plural, sobre todo de un grupo culturalmente diversificado de mecenas y de artistas e intelectuales que introdujeron rupturas profundas en el legado modernista de los años 20. Además, se pondrá en relieve el carácter original de los lenguajes en el período, con el análisis del cosmopolitismo de São Paulo a mitad de los años 50. Se considera

¹ A revista “O Cruzeiro” trouxe uma reportagem na qual exaltava a grandiosidade econômica e social da São Paulo do pós-guerra a partir de títulos como este acima. Ver em Arruda (2001).

² Acadêmica de História do Centro Universitário Internacional UNINTER E-mail: Jaquelinemariatrindadesilva@yahoo.com.br.

³ Doutora em História. Professora no Centro Universitário Uninter. E-mail: MARIA.JO@uninter.com.

que se ha logrado abordar el tema de forma sucinta y respaldada en fuentes importantes, relacionadas con ese período histórico, sin la pretensión de agotar el tema.

Palabras-clave: Cosmopolitismo. Urbanización. Internacionalización. Modernización. Modernismo.

1 Introdução

Este artigo tem por objetivo estudar a São Paulo cosmopolita de meados da década de 1950 e sua importância na construção de um tecido cultural embasado em rupturas e renovações de linguagens culturais.

São Paulo, nos “anos dourados”, inseriu-se em um rico contexto cultural e na busca de sua própria modernidade, com características originais, baseada em uma linguagem propriamente brasileira, sem fundamentar-se nos movimentos vanguardistas europeus. Mas, o que de fato tornou-a cosmopolita e alterou o seu ritmo urbano? Por que o vanguardismo de meados do século XX estabeleceu-se de forma original e essencialmente brasileiro (diferente do Modernismo dos anos 1920)? Ainda, quais as mudanças no panorama cultural e sua internacionalização que transformaram São Paulo em uma metrópole cultural, ou seja, que a fizeram deixar de ser apenas um receptáculo passivo de tendências culturais e artísticas (uma “colônia cultural”), tornando-a um ideal de cosmopolitismo?

Consideraremos também a vivência moderna de artistas, nessa fase do pós-guerra, em São Paulo, que se conformava como um momento propício para o desenvolvimento cultural e artístico brasileiro, com várias iniciativas de cunho privado que culminaram na criação de museus importantes (MASP, MAM-SP) e de bienais. Tais instituições foram responsáveis pela consolidação de um campo de arte moderna no Brasil, possibilitando aos artistas brasileiros o contato com os grandes centros cosmopolitas europeus e norte-americanos.

Destacamos que esta vivência moderna nas artes se insere no ambiente paulista, que passava por um intenso processo de modernização e urbanização, apoiado por uma ideologia nacional-desenvolvimentista baseada, sobretudo, no crescimento econômico a partir do desenvolvimento industrial. Percebe-se que São Paulo foi uma das maiores cidades com industrialização acelerada e urbanização crescente, cujo contingente migratório foi intenso devido às novas oportunidades de emprego e de investimento. Maria Arminda do Nascimento Arruda (2001, p. 12) assegura sobre essa “modernidade paulistana” que:

No decênio de 1950, emerge uma espécie de culto à renovação, tornando o tecido cultural pleno de tensões, dada a permanência de propostas gestadas no passado. A vivência dessa tensão parece caracterizar a chamada modernidade paulistana no transcurso daqueles anos, na qual realizavam-se projetos embebidos, em geral, no espírito do “modernismo racionalista”. Por essa razão, as novas linguagens

emergentes na São Paulo do período revelavam uma ruptura, caracteristicamente moderna, com a história, expressando certa fadiga da tradição. As mudanças ocorridas naqueles anos irrisantes materializavam-se na construção de instituições: a Universidade de São Paulo, o Museu de Arte Moderna de São Paulo, o Museu de Arte Moderna, e no aparecimento de renovado mecenato cultural, nutrido nos quadros de um empresariado vigoroso, frequentemente de origem migrante, comprometido com a dinâmica das transformações.

Tudo isso, em geral, proporcionou um desenvolvimento cultural, cuja sensibilidade artística tornou-se mais propensa à criação. De fato, viu-se um cosmopolitismo desenfreado nas esferas tanto artísticas como político-econômicas.

O tema pesquisado no decorrer do processo de aprendizado em questão decorre de questões levantadas ao longo da formação acadêmica na graduação e, além disso, do interesse pessoal sobre o cosmopolitismo de São Paulo em meados do século XX, sobretudo a explosão de diferentes linguagens que, ressaltamos, nos mostra um nítido sintoma da complexidade do tecido social.

Com base nisso, desenvolveu-se uma fundamentação teórica, cujos autores nos facilitarão e darão suporte metodológico e teórico ao estudo. A pesquisa, baseada nesses critérios acadêmicos, visa colaborar para a análise historiográfica do contexto de urbanização e cosmopolitismo de São Paulo nos anos 1950 (a rigor, muito influenciou no Brasil), levantando reflexões em torno desses diálogos cruzados, oriundos dessa bibliografia selecionada como fonte; ademais, buscaremos verificar a originalidade desse cosmopolitismo de São Paulo, inclusive em contraponto ao Modernismo dos anos 1920.

2 São Paulo: Uma “sociedade em movimento”⁴

2.1 Revisão bibliográfica

O fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, alterou drasticamente o cenário mundial, dividindo-o em dois blocos político-militares liderados pelos EUA e URSS. O esforço de expansão econômica, política e ideológica dos EUA implicou o estímulo à inserção da cultura norte-americana, tal como no caso brasileiro, reforçado pela prosperidade econômica norte-americana no pós-guerra e um forte espírito de otimismo. Além das profundas alterações no comportamento de vida das pessoas dos centros urbanos, eclodiu um entusiasmo pela

⁴ André Botelho, no texto *Uma sociedade em movimento e sua Intelligentsia: Apresentação* (BOTELLO; BATISTA; VILLAS BOAS, 2008), caracteriza essa metrópole como sendo uma “sociedade em movimento” que, de acordo com o sociólogo, seria a melhor imagem para a sociedade brasileira nos anos 1950, sobretudo pelas transformações oriundas dos processos acelerados de industrialização e urbanização.

possibilidade de construir algo novo e novas formas de pensar, consolidando-se nos mais variados movimentos no campo artístico.

Os anos 1950 no Brasil transitaram do Nacionalismo de Vargas ao Desenvolvimentismo de JK, passando pela implantação definitiva de uma sociedade urbana modernizada. Neste contexto, despontou uma geração nova, imbuída de uma sensibilidade estética original. Tratava-se de uma época de enorme dinamismo, na qual estavam aliadas as crenças de um desenvolvimento artístico às de modernização econômica e política; nesse cenário, São Paulo era uma grande promessa.

Constatou-se a partir da leitura da socióloga Arruda que São Paulo foi a cidade mais profundamente afetada pelas mudanças ocorridas no segundo pós-guerra; nela se estabeleceram o projeto desenvolvimentista e o crescimento econômico, acelerado pelo surto industrial. No cenário cosmopolita paulistano introduziram-se novos ritmos e alterações na estrutura social.

A economia paulista baseava-se em condições plenas e favoráveis para o seu processo desenvolvimentista, por meio de atividades cafeeiras, agricultura variada, potencialidade do setor industrial etc. (NAVES, 2011). Sob a égide do capital estrangeiro, os novos ramos industriais surgiram intensamente e concentrados. Além disso, no espaço da Grande São Paulo havia uma diversidade cultural e étnica bastante acentuada, com várias manifestações linguísticas. A historiadora Lima — cuja obra *Fotoformas: A máquina lúdica de Geraldo de Barros* (2006) é referência básica no que tange ao assunto da modernização paulistana —, a partir de uma análise aprofundada da obra fotográfica do artista Geraldo de Barros, afirma sobre esse período:

O segundo pós-guerra representa o momento em que, no processo de industrialização vivido pelo país durante o século XX, pela primeira vez os lucros de produção industrial superaram os da economia agrícola. Tanto o governo ditatorial do Estado Novo (1937-1945), quanto o regime democrático que o seguiu promoveram políticas de estímulo à produção de bens básicos e ao mercado interno que acabaram por favorecer o desenvolvimento da indústria nacional (LIMA, 2006, p. 27).

Ou seja, através da reflexão da historiadora, pode-se dizer que o período do segundo pós-guerra brasileiro é lembrado na historiografia como a fase do nacional-desenvolvimentismo em que a industrialização, a modernização, o crescimento populacional e a intensa transformação nas artes tiveram o seu maior alcance. A denominação “anos dourados” tem a ver com o fato de ser um período de grande opulência e transformações. Nessa época, iniciou-se uma ação empresarial do Estado na economia (acarretando as bases para uma industrialização), houve o crescimento do proletariado urbano e a formação da classe média no

ambiente socioeconômico e cultural do país. Para comparar com essa ideia sobre o segundo pós-guerra, Abreu (2008, p. 211) afirma:

A década de 1950 foi marcada por profundas mudanças nos planos econômico, político, cultural e social, quando o país entrava na fase intensiva de industrialização e urbanização. Foram anos que tiveram Getúlio Vargas (1951-1954) e Juscelino Kubitschek (1956-1961) como governantes sob regime democrático. Essa década assistiu à concretização de muitas ideias e projetos elaborados durante ou imediatamente após o final da Segunda Guerra Mundial. O funcionamento democrático permitiu a livre expressão de ideias e o desabrochar da criatividade em todas as áreas do conhecimento.

A partir do excerto citado acima, pode-se observar, de acordo com a socióloga, que a década de 1950 fermentou inúmeras transformações e projetos a partir da intensa industrialização ocorrida naquele contexto. Na esteira da expansão econômica da sociedade industrial, a cidade começou a se modernizar, com uma expansão física da cidade (eletrificação, saneamento etc.), principalmente a partir do uso do concreto armado que possibilitou a verticalização da cidade. A paisagem urbana mudou radicalmente, sobretudo a partir do uso do aço, do concreto armado, do vidro, definindo os contornos de uma arquitetura moderna e nacional, inspirada no “racionalismo” de Le Corbusier.

Aliás, além da expansão física da cidade, ocorreu também uma enorme difusão no campo das ideias, visto que se obteve com a democracia uma livre expansão de ideias e intenso uso da criatividade nos diversos setores sociais.

Não foi à toa o fascínio de artistas pela geometria urbana, como no caso dos concretistas e abstracionistas, cujo foco de observação era as formas geométricas no cotidiano da cidade. A cidade era vista através de ângulos que fugiam do ponto de vista convencional, ressaltando cada detalhe. Sem contar que havia uma preocupação com o ritmo e o movimento urbano. São Paulo proporcionou uma ambientação ao experimentalismo vanguardista, especialmente à arte concreta, que se inseriu como uma parte do movimento moderno abstrato⁵ e que se difundiu nas artes plásticas e na poesia, situando a cidade e a indústria como elementos centrais de expressão. Sem dúvida, os processos de metropolização e urbanização baseados no desenvolvimentismo alteraram a paisagem urbana, dando a esta um caráter cosmopolita, conforme pode ser verificado na obra de Arruda.

Nesse contexto “racionalista”, houve várias experimentações artísticas influenciadas pelas ideias e estilos oriundos do exterior, a partir do processo de apropriações culturais

⁵ Na capital paulista, a partir desse estímulo externo surgiram nos anos 1950, dois grupos: os abstracionistas vinculados ao 'Atelier Abstração', de Samson Flexor (1907-1971) e os abstracionistas geométricos, liderados por Waldemar Cordeiro, a partir do Manifesto Ruptura.

orientadas por uma noção de internacionalização, em que tudo se transformava de maneira contínua⁶.

Partindo desse pressuposto, compreende-se São Paulo como epicentro das ações de vários agentes sociais envolvidos nesse mosaico moderno da cultura brasileira. Houve, de fato, uma intensa renovação de temas e motivações no debate cultural e acadêmico no país, que levou a produção artística brasileira, frente aos modelos internacionais, a ganhar autonomia no processo de busca de emancipação cultural⁷.

Cumprir destacar que o domínio da técnica ocupou um espaço especial, priorizando o ensino técnico⁸ para a construção e indústria. Para exemplificarmos isso, a obra de Sonia Alem Marrach nos possibilita verificar, apesar de seu livro focar na musicalidade paulista, a ideia de modernização no ambiente urbano da cidade. Vejamos abaixo o que Marrach (2011, p. 51) nos relata sobre a urbanização dentro de um viés educacional:

Diferentemente do modelo francês adotado pelo Rio de Janeiro, no qual a arquitetura estava articulada às belas-artes, em São Paulo a arquitetura foi uma especialidade da engenharia. Enquanto os engenheiros civis construíam pontes, portos, estradas, viadutos, redes de água e esgoto, os engenheiros-arquitetos construíam casas, prédios, edificações comerciais e industriais, escolas, obras públicas e particulares. O curso de engenheiro-arquiteto preparava o aluno para projetar e construir edificações. Assim, os professores e alunos que se formavam a cada ano, trabalharam na construção da metrópole industrial.

Interessante notarmos que Marrach nos direciona para uma questão importante em São Paulo: a noção racionalista e prática no meio educacional, a qual estava presente nos cursos, nas faculdades; ou seja, eram cursos que preparavam os alunos para trabalharem na construção e expansão da metrópole industrial. Note-se que, no contexto da cidade paulista, havia como particularidade uma base educacional que orientava a formação de cidadãos para a cidade e sua expansão urbana. Assim, os arquitetos e engenheiros civis, a partir de suas bases educacionais formativas, visavam construir edificações para remodelar a paisagem urbana. Digamos que eram construtores urbanos cosmopolitas, pois eram agentes históricos no desenvolvimento da metrópole paulista.

A socióloga Maria Armanda do Nascimento Arruda é nosso referencial teórico básico para este artigo; entre suas contribuições mais significativas para a construção de uma agenda

⁶ Sobre a ideia de internacionalização, ver Chiarelli (1999).

⁷ Ver Arruda (2001).

⁸ “A cidade priorizou o ensino técnico voltado para a indústria e a construção, com a criação da Escola Politécnica. Assim, em 1894, iniciava-se o ensino de Engenharia em São Paulo, com cursos de engenheiro civil, industrial, agrônomo e engenheiro-arquiteto na Escola Politécnica, que seguia o modelo germânico do seu primeiro diretor Antonio Francisco de Paula Souza” (MARRACH, 2011, p. 51).

de estudos para a Sociologia da Cultura no Brasil, destaca-se a obra *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX* (São Paulo: Edusp, 2001), Prêmio Jabuti de 2002. O livro representa uma análise ensaística e crítica sobre a problemática da modernização conservadora do Brasil, na qual a socióloga chama a atenção para o que era diferente em São Paulo, sobretudo no uso de linguagens díspares no âmbito das artes em geral, oriundas de uma experiência histórica única e de enorme trânsito entre as artes. De fato, Arruda trata de verificar essa experiência social múltipla, buscando estudar a particularidade do moderno (lembrando que o moderno, para a autora, é algo ligado a essas experiências sociais, à multiplicidade de atores e à construção do capitalismo no mundo), ou seja, um modernismo avançado do pós-guerra, com linguagens que se fragmentam e se profissionalizam e a noção de progresso, de racionalidade etc. Conforme Arruda (2001, p. 18), sobre o processo de metropolização cultural nos anos 1950:

[...] O período inaugurado no pós-guerra suscitava forte sentimento de otimismo, nascido da mescla entre triunfos materiais de vulto e permanências das nossas singularidades. Diferentemente da Europa, forçada a reter as lembranças da dizimação humana, a guardar a memória da barbárie totalitária e a conviver com o incômodo reconhecimento de perda da sua hegemonia civilizacional, o país parecia, finalmente, assenhorear-se dos segredos criadores da modernidade que, diga-se de passagem, identifica-se genericamente com o estilo de vida norte-americano.

Sobre a citação acima, observa-se que, seguindo os moldes norte-americanos, tudo aqui se alinhava com a ideia da exuberância do progresso envolta de um otimismo exacerbado. De fato, o período de democratização inaugurado no segundo pós-guerra trouxe um intenso otimismo oriundo dessa modernização e expansão — influenciadas pelo estilo norte-americano —, e se contrapôs ao modelo europeu, no qual a memória da decadência fazia parte de sua rotina.

Para refletir sobre essa questão do pós-guerra no Brasil, apresentaremos a professora e curadora Helouise Lima Costa, cujo livro *A Fotografia Moderna no Brasil* (COSTA; SILVA, 2004) é nosso referencial teórico. Esta obra é o resultado de pesquisa de Helouise Costa e Renato Rodrigues da Silva, na qual recuperam a memória de um momento fértil de nossa história, destacando discussões sobre as imagens, em particular, a fotografia brasileira. Sobre o contexto do pós-guerra, Costa (COSTA; SILVA, 2004, p. 33) ressalta:

O pós-guerra da década de 40 apresentou uma situação favorável aos investimentos de capital estrangeiro no Brasil. Iniciava-se a ação empresarial do Estado na economia e fundavam-se as bases para uma rápida industrialização.

Sobre a industrialização, Costa nos lembra que a situação era amplamente favorável, havendo a participação empresarial do Estado na economia, além de investimentos de capital estrangeiro no Brasil (em contrapartida, isso também ocasionou dívidas externas enormes).

Para fazer um contraponto a este diálogo sobre este contexto, Marrach (2011, p. 12) destaca a transformação cultural e refere-se a este período como:

A metrópole do século XX tornou-se local de origem de um caos avassalador, mas também matriz de criação. Com a exacerbação de tensões e confrontos sociais, com a invasão do imaginário pelas novas tecnologias, a reorganização dos sistemas simbólicos e perceptivos, há uma reorganização do quadro de referência cultural herdado.

Em se tratando do exposto acima, verifica-se que a metrópole foi palco de efeitos contrastantes, ou seja, divulgava novas ideias e debates, colocando-os em intensos confrontos com a realidade caótica que vicejava.

Cabe frisar que esse processo de modernização cultural não se desassociou do processo de modernização do país, precisamente na capital paulista — ambos estão em uma intrínseca relação de construção e plenitude da experiência moderna. A cidade de São Paulo passou por mudanças em todos os planos de convivência urbana, adquirindo contornos de metrópole. Lembremos que, desde o pós-guerra, as grandes cidades mundiais foram submetidas a processos de redefinição de caráter urbano, de mudanças no desenvolvimento populacional e locais de ocupação. No meio do século, a capital paulistana alterou drasticamente o ritmo do dia a dia urbano, deixando atrás o ar acanhado do modernismo da década de 1920. A socióloga Arruda (1997, p. 41) argumenta sobre essa radicalidade de mudanças no ambiente paulista:

Mas a radicalidade das mudanças ocorridas, no decênio de 1950, impõe repensar a tão decantada relação entre cultura e sociedade e concomitantemente, situar a particularidade dessas expressões. Os próprios produtores culturais não se pensavam como continuadores de qualquer tradição: contrariamente, viam-se como introdutores de ruptura profunda e buscavam construir novas identidades, fato revelador de uma dinâmica desenraizadora. Essa sensação de perda de raízes, que para alguns era percebida de modo profundamente negativo, para outros significava a existência de liberdade de ação nas mais diferentes áreas.

Portanto, vivia-se em um momento pleno de rupturas e perda de identidades. Era o artista em luta constante com o seu próprio tempo e com a sua própria liberdade criativa. Inevitavelmente, esta facultava-o no ato de criação estética, pois dela advinha a sua força construtiva. Era nesse jogo constante de perdas e ganhos que o artista conseguia manter-se arraigado a essa turbulência.

Para contrapor essa ideia, podemos relacioná-la ao sociólogo polonês Zigmunt Bauman sobre a ideia de “sociedade líquida”. Para Bauman (2001), o momento presente pode ser caracterizado como a era da liquefação do projeto moderno, a modernidade líquida. Com o objetivo de compreensão, abaixo, apresentamos um trecho da análise sobre “modernidade líquida”, escrito por Bauman (2001, p. 8-9) no seu livro *Modernidade Líquida*:

Os fluidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam; são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos leveza ou ausência de peso à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade.

A partir da análise acima, percebe-se que o período do nacional-desenvolvimentismo se tratou de uma era da “liquidez” como na contemporaneidade, pois a sociedade “líquido-moderna” está inserida dentro de condições provisórias e de incertezas constantes, tal como é o caso da cidade de São Paulo. Seguindo essa reflexão do sociólogo, procuramos relacioná-la ao ambiente cosmopolita paulista, cujo estado era de permanente fluidez e acelerado no seu processo de mudanças que, conseqüentemente, gerou um sentimento de mal-estar no meio social, de perda de identidades. Apesar de o sociólogo ligar essa ideia de “liquidez” ao impacto da tecnologia da informação e da globalização na civilização contemporânea, acreditamos ser viável contrapô-la ao contexto de modernização dos anos 1940/1950, visto que este era palco de intensos e acalorados contrastes e em constante mudança. Certamente, era uma fase de rupturas, fragmentações, portanto, líquida.

Por mais que houvesse um sentimento de mal-estar diante dessas mudanças extremas, estas trouxeram, paralelamente, uma necessidade vital para o artista de incorporar esse sentimento no seu fazer artístico. Sendo assim, a prática experimental demonstra uma ação de total comprometimento com a mudança e a ruptura, ou seja, uma busca constante por novos elementos expressivos, que conseguissem traduzir essa vivência na modernização. A socióloga Arruda (2001, p. 24) analisa esse contexto de vanguardismo da São Paulo de meados do século XX:

Se no decênio de 20 a assimilação das vanguardas europeias implicou o descongelamento das linguagens do passado, nos 50 as rupturas se constroem e se acirram e os antigos renovadores passam a ser identificados como representantes de uma linguagem que se tornara rotinizada. O vanguardismo dos meados do século reproduzia o mesmo impulso iconoclasta, mas, já agora, num ambiente favorável à experimentação e numa sociedade incomparavelmente mais complexa.

Assim, segundo consta no relato da socióloga acima, a geração da década de 1950 foi atraída por uma nova visualidade: o espaço urbano e, a partir deste, pôs a experimentação em plena atividade. Desse ponto de vista urbano, passaram a registrar temas cotidianos da vida urbana: postes, vitrines, automóveis, estações de trem, calçadas, muros descascados, “além de uma enorme quantidade de especulações feitas a partir da arquitetura e de elementos arquitetônicos isolados como varandas, janelas, escadas e pilastras” (COSTA; SILVA, 2004, p. 95).

A cidade era vista através de ângulos que fugissem do ponto de vista convencional, ressaltando cada detalhe. Sem contar que havia uma preocupação com o ritmo e movimento na composição de elementos geométricos, representando, a nosso ver, a aceleração da cidade moderna. Esse novo campo visual urbano iconoclasta tornou-se um referente central na prática artística, reorientando o olhar para captar novos ângulos e ideias.

Outro ponto importante a destacar sobre esse período histórico é a ideia de internacionalização das artes. O que vem a ser isto precisamente? Para começar, salientemos que este contexto foi marcado por um amplo processo de divulgação e apropriações culturais das artes internacionais. Exemplificando: as bienais e os museus foram espaços de enormes confrontos de ideias e debates, levando ao público grandes exposições de artistas renomados internacionalmente. Verifica-se ser o pós-segunda guerra incentivador do desenvolvimento tecnológico de alguns países e também possibilitou a abertura para a assimilação de produções artístico-culturais dos centros influentes e estratégicos mundiais, sobretudo por meio das bienais.

Note-se que este período foi marcado pelo caráter internacionalista divulgado pelas bienais⁹, as quais foram veiculadoras de novas ideias e informações internacionais, sobretudo o Abstracionismo. Sem dúvida que as Bienais Internacionais de São Paulo causaram um impacto no meio artístico brasileiro, possibilitando o contato direto com as produções dos artistas mais importantes do século XX. Sobre esse assunto, o curador e crítico de arte Tadeu Chiarelli (1999, p. 30) alega que:

⁹ “As Bienais consolidaram o prestígio da arte abstrata e concreta tornando-se grandes veiculadoras de informação internacional e, por meio dos prêmios determinando quais eram as tendências mais avançadas” (LOURENÇO, 1999, p. 105 apud ESPADA, 2006, p. 26).

Até 1951 no Brasil, alguém interessado em estudar e/ou apreciar arte moderna e contemporânea, se não pudesse ir à Europa ou aos Estados Unidos ver de perto os originais, devia contentar-se em entrar em contato com a produção internacional através de reproduções, uma vez que as exposições de arte moderna realizadas no país até aquela data eram raras e restritas a poucos artistas. A criação das Bienais possibilitou aos artistas e ao público brasileiros a possibilidade de entrar em contato com obras de artistas fundamentais para a constituição da modernidade no campo das artes visuais. Essa nova situação de caráter, digamos, mais cosmopolita modificou de imediato o ambiente artístico local, tornando-o permeável às novas indagações estéticas que vinham do exterior.

Pode-se ver que, a partir da reflexão acima, nesse período, era intensa a movimentação artística em São Paulo, havendo várias exposições, palestras e debates com artistas estrangeiros (as exposições de Alexander Calder -1898-1976- e Max Bill -1908-1994- em 1948, por exemplo). Houve também vários debates e conferências ligadas aos temas de vanguarda, agitando o meio intelectual e artístico da época.

As correntes estéticas construtivistas e as instituições culturais, como os museus e as bienais, se identificaram com a ideia de internacionalização da linguagem e a aproximação com a tecnologia (arquitetura, *design*, publicidade etc.). O MAM de São Paulo, particularmente, desenvolveu uma ação decisiva na promoção e mudança da linguagem plástica; por exemplo, a mostra de Max Bill, em 1950, representa um momento marcante na implantação da arte concreta brasileira. A obra premiada pela I Bienal, “Unidade Tripartida”, provocou impacto entre os novos artistas. As bienais funcionaram como incentivadoras da nova linguagem; outro exemplo foi a consagração do abstracionismo na II Bienal e do IV Centenário (Paul Klee, Calder, Mondrian, pintores abstratos norte-americanos).

Segundo Arruda (2001, p. 372):

[...] Independentemente do aparecimento de problemas que costumam acompanhar iniciativas dessa natureza, mormente em contextos como o nosso, os museus renovaram a cultura das artes na cidade, ao permitirem o contato direto de artistas e do público com obras clássicas, modernas e contemporâneas. Introduziram, sobretudo, num clima qualitativamente diverso, em função da organização de iniciativas em múltiplas direções, permitindo que São Paulo e a capital do país pudessem sincronizar-se com o ritmo cultural dos grandes centros mundiais.

Outro fator crucial neste período foi o suporte do mecenato artístico oriundo da burguesia industrial, de origem predominantemente imigrante e de caráter original. São Paulo assume a proeminência no âmbito cultural, diversa dos anos 1920 e 1930 (caracterizados pela busca de expressões próprias), sendo marcada pelo fortalecimento institucional e pelo mecenato cultural. Esse mecenato assumiu o papel de profissionalizar as iniciativas culturais, como se pode ver nos projetos do MASP, Indústria Cinematográfica Vera Cruz, TBC, Multifilmes etc.

Maria Arminda do Nascimento Arruda (2001, p. 12) assegura sobre essa “modernidade paulistana” que:

No decênio de 1950, emerge uma espécie de culto à renovação, tornando o tecido cultural pleno de tensões, dada a permanência de propostas gestadas no passado. A vivência dessa tensão parece caracterizar a chamada modernidade paulistana no transcurso daqueles anos, na qual realizavam-se projetos embebidos, em geral, no espírito do “modernismo racionalista”. Por essa razão, as novas linguagens emergentes na São Paulo do período revelavam uma ruptura, caracteristicamente moderna, com a história, expressando certa fadiga da tradição. As mudanças ocorridas naqueles anos irisantes materializavam-se na construção de instituições: a Universidade de São Paulo, o Museu de Arte Moderna de São Paulo, o Museu de Arte Moderna, e no aparecimento de renovado mecenato cultural, nutrido nos quadros de um empresariado vigoroso, frequentemente de origem migrante, comprometido com a dinâmica das transformações.

Surgiram, pois, em São Paulo, mecenas vigorosos o suficiente para investir em instituições artísticas de grande porte. Tudo isso, em geral, proporcionou um desenvolvimento cultural, cuja sensibilidade artística tornou-se mais propensa à criação e, ao mesmo tempo, arraigada a sentimentos de angústia, isolamento e conflito (sentimentos atribuídos à perda de identidade ou à ideia de “modernidade líquida”, tal como visto mais acima) devido a esse caráter de ruptura. Conforme a socióloga Arruda, houve ali uma fadiga da tradição e um renovar constante, sobretudo na criação de instituições, museus, entre outros empreendimentos, tendo como respaldo um empresariado vigoroso.

Interessante observar sobre o tipo de elite presente na São Paulo dos anos 1950, a reflexão a seguir da socióloga Arruda (2001, p. 385):

Penso ser esse o significado mais profundo desse mecenato privado, originado numa sociedade capitalista, ainda que periférica, mas que ganhava os contornos de ‘civilização moderna’, expressos nas ações de sujeitos oriundos das atividades privadas. Esta ‘nova ética’ orientada para o mundo público, distinguia estas personalidades, a despeito de suas clivagens, das elites privatistas do passado. Tais mudanças que se manifestavam, sobretudo em São Paulo, nos planos mais visíveis da economia, da estrutura social e no âmbito político, haviam fundado na sua ‘ratio’ uma energia que transbordava para as esferas da convivência pública.

De acordo com o exposto acima, pode-se dizer que o mecenato artístico da cidade paulistana possuía uma característica de diversificação com relação à elite anterior. Digamos que talvez este seja o fator primordial e original dessa “cosmopolitização” e internacionalização nas artes: uma elite que vicejou no campo da modernização e chegou, nos anos 1950, à condição de poder propor a organização de instituições públicas. De fato, esses projetos institucionais assumiram um “feitio civilizatório”, tal como nos expressa Arruda. E, ainda: “(...) A modernidade cultural dos anos 50 expressou-se concomitantemente no aparato institucional que

acolheu e promoveu os novos cânones erigidos nos domínios da cultura” (ARRUDA, 2001, p. 423).

Assim, os mecenas dos museus foram empresários, mas que lançaram na construção desses “organismos culturais de cunho público”, trazendo um caráter renovador às esferas sociais e culturais paulistanas.

No plano da vivência cotidiana, a efervescência intelectual de São Paulo correspondia à expansão das áreas de lazer e consumo. Certamente houve um crescente processo de implantação das ideias vigentes da indústria cultural; vejamos a difusão de radionovelas, o cinema, a publicidade como alguns exemplos da noção de consumo cultural como mercadoria. Daí o fato de ter havido nos setores culturais ligados ao mecenato industrial uma noção de profissionalismo, eficiência.

Conforme Maria Cecília França Lourenço, nesses anos, “São Paulo quer ser Nova York, a capital dos negócios e da cultura” (1999 apud LIMA, 2006, p. 28). A imagem da metrópole moderna interessava em especial aos grandes empresários locais que patrocinaram a construção de um ambiente cultural identificado com os valores atribuídos à arte moderna.

A cultura paulistana, nesse contexto, identificou-se com noções de progresso e um ideal de um futuro “civilizado” e internacionalmente articulado nos mais variados campos de expressão. Ademais, houve ali um conjunto diverso de linguagens e instituições, rompendo padrões. Segundo Arruda, São Paulo se constituiu uma experiência exclusiva dentro de uma perspectiva nova de modernismo. Os intelectuais de 1922 introduziram novas ordens de percepção urbana, porém, uma “consciência moderna decisiva” (SIMMEL, 1967) foi concretizada pelas gerações de 1950. Essa geração via-se como introdutora de rupturas profundas, buscando construir novas identidades e desconstruir antigos alicerces, através de uma renovação constante.

2.2 Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica básica e qualitativa. Para isso, foram selecionados alguns livros do acervo pessoal da autora deste artigo, os quais, em geral, abordam temas relacionados à cidade de São Paulo, da década de 1950. Incluem autores da área da Sociologia, História, Curadoria, Artes etc. A escolha desses autores surgiu do interesse de compreender melhor o processo de modernização da cidade de São Paulo, anos 1950, além de um interesse pessoal pelas áreas citadas, sobretudo no que toca ao assunto das

artes. Acreditamos que a Sociologia, tal como a História, entre outras áreas de Humanas, pode contribuir e enriquecer bastante esse tema.

A pesquisa realizada, de caráter bibliográfico e embasada em consulta de livros impressos de domínio pessoal, realizou-se a partir de um cruzamento de fontes; uma, em especial, foi decisiva: a socióloga Arruda, cujo livro *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX* é base para os pesquisadores que se orientam pelo universo cosmopolita da cidade de São Paulo dos anos 1950. Sem contar também o trabalho utilizado neste artigo da historiadora Heloísa Espada.

Sabemos que a pesquisa bibliográfica, de fato, é convencionalmente a mais usada nos trabalhos científicos. A sua popularidade não quer dizer que seja a mais fácil, pelo contrário, em função da disponibilidade de banco de dados e profusão de artigos científicos, torna-se necessário se ater de meios estratégicos e seletivos para gerenciar melhor a qualidade da seleção de fontes (no caso particular deste trabalho, não houve tantos problemas, devido ao próprio tamanho e, também, pelo acesso direto ao acervo pessoal da autora).

Ressalte-se que a pesquisa bibliográfica básica deste artigo teve como interesse focar em um estudo destinado a aumentar nossa base de conhecimento científico para, assim, buscar refletir e provocar novos debates e ideias, ou seja, produzir conhecimento (o que é vital para nossa educação!). Certamente, a pesquisa básica é condição para o desenvolvimento e gera benefícios à formação de indivíduos e da sociedade toda; daí, nossa intenção primordial em fazê-la: aumentar o que sabemos sobre um determinado assunto; no caso, ampliar o conhecimento sobre a modernização/cosmopolitização da década de 1950, em São Paulo. Sendo assim, ela priorizou desenvolver conhecimento sem aplicações práticas ou imediatas, partindo de revisões teóricas preestabelecidas.

Nota-se que a pergunta que este trabalho buscou responder (o que fez São Paulo a São Paulo cosmopolita da década de 1950? Qual a sua originalidade?), acreditamos, na medida do possível, ter sido respondida no decorrer do artigo. Aliás, para nós, talvez, seja a contribuição científica que este artigo pretendeu oferecer ao estudar sobre a modernização e cosmopolitismo da cidade de São Paulo: a sua diversidade e originalidade. Dessa forma, o objetivo central do presente trabalho foi o de entender e aprofundar o conhecimento científico sobre o cosmopolitismo paulistano, a partir de uma pesquisa bibliográfica básica criteriosa.

O processo de cosmopolitização e modernização de São Paulo foi sendo analisado a partir da recolha de informações desses autores citados na referência bibliográfica para o fichamento realizado. Após a escolha dos livros e a realização da sua leitura, começaram a ser selecionados subsídios para exemplificar e trazer reflexões relacionadas aos assuntos tratados

neste artigo, bem como se fez necessário colocar as ideias dos autores como complemento do raciocínio.

Acredita-se que a escolha das fontes bibliográficas tenha sido feita dentro de um universo de estudo que conseguiu representar o assunto pesquisado, além de primar pela qualidade, abrangência e significância destas.

3 Considerações finais

O presente artigo, intitulado *São Paulo, A “Cosmópolis Fascinante”*: A cidade dos “condenados ao moderno” constituiu-se em uma tentativa de abordar o aspecto da originalidade da cidade paulistana no que concerne à modernização, à urbanização, ao desenvolvimento cultural e à internacionalização das artes.

Os objetivos deste trabalho foram orientados para compreender o cosmopolitismo de São Paulo em meados dos anos 1950 e sua originalidade e internacionalização cultural, tendo como objetivos específicos a investigação de teorias que abordassem as construções inovadoras no tecido cultural em São Paulo; apresentar aspectos teóricos sobre o contexto histórico na São Paulo dos anos 1950; apresentar algumas contribuições metodológicas e teóricas da historiografia e sociologia a respeito dos anos 1950, em São Paulo, e entender o processo de internacionalização da arte em meados dos anos 1950. Seguindo esses objetivos, procuramos estabelecer diálogos com diversas fontes relevantes concernentes ao cosmopolitismo de São Paulo, sobretudo a da socióloga Maria Arminda Arruda. Podemos dizer, de fato, que, em geral, conseguimos achar algumas fontes que pudessem, pelo menos, dar credibilidade a essa pesquisa, inclusive a citada acima.

Acreditamos ter conseguido abordar o tema de forma sucinta e respaldada por fontes importantes relacionadas a este período histórico; claro, lembrando ser impossível esgotar o tema, devido às inúmeras abordagens possíveis neste estudo. Acreditamos ser relevante esta pesquisa para o meio acadêmico, sobretudo pela abordagem de discussões e análises no que concerne à relevância do contexto dos “anos dourados” em São Paulo, bastante divulgada na literatura historiográfica; por isso, tratamos de aprofundar um pouco esse debate. Há que destacar que os debates acadêmicos são indispensáveis, visto que possibilitam um desenvolvimento crítico e pertinente, modelando a atividade acadêmica e o aprendizado com fontes.

Assim, a hipótese que nos norteou durante a pesquisa foi que, desde o segundo pós-guerra, as grandes cidades mundiais encontravam-se em processo de refiguração urbana e a

capital paulistana já se remodelara, perdendo a imagem acanhada da cidade que deu origem ao Modernismo, nos anos 1920, até se internacionalizar e tornar-se cosmopolita. As renovações e rupturas culturais da capital paulistana foram oriundas desse processo de refiguração urbana mundial do segundo pós-guerra e tornaram a cidade o epicentro cultural de variados planos de convivência urbana, como já se demonstrou anteriormente.

Outro ponto destacado no artigo foi a relevância do papel do poder privado como mediador da obtenção de enormes conquistas no âmbito cultural paulista. A participação desse mecenato industrial fomentou a introdução de instituições artísticas, passando a interferir diretamente nas atividades culturais. Como verificado no trabalho, notamos que a presença deste mecenato cultural foi fundamental para a modernização, cosmopolitização e internacionalização nas artes, devido ao seu caráter original, diversificado e diferente da elite anterior. Pode-se afirmar que tratar sobre a modernização de São Paulo nos anos 1950 sem citar a presença deste mecenato é, realmente, impossível, pois este é primordial no tecido cultural urbano paulistano. Ambos, de fato, estão interligados.

Conclui-se, portanto, que pensar sobre esse período histórico avassalador, no que tange às mudanças e modernização, foi bastante interessante, principalmente por possibilitar a análise de diversas possibilidades de narrativas sobre esse contexto, as quais foram surgindo de um entrecruzamento de linguagens e elementos referentes àquele período de intensa internacionalização artística. Acredita-se, pois, que a pesquisa contribuirá para provocar novas ideias sobre esse importante contexto histórico e, em particular, sobre a cidade cosmopolita de São Paulo, palco de inúmeras representações e transformações.

Vale frisar que a pesquisa foi muito elucidativa e surpreendente, no que tange ao conteúdo das fontes bibliográficas, as quais são bastante interessantes, principalmente a respeito do mecenato paulistano, cuja presença e projetos foram de grande originalidade. De fato, este é um ponto relevante para compreender o cosmopolitismo e o avanço da cidade de São Paulo: a atuação do mecenato no tecido cultural da São Paulo de meados do século XX.

Por fim, acreditamos ter conseguido provocar ideias e debates importantes sobre o tema tratado, sem querer, é claro, esgotar o tema. O assunto deste artigo é deveras complexo, e pode-se contar com inúmeras fontes bibliográficas para abordá-lo.

Referências

ABREU, Alzira Alves. Revisitando os anos 1950 através da Imprensa. *In*: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; BÔAS, Glaucia Villas (orgs.). **O moderno em questão: A década de 1950 no Brasil**. Rio de Janeiro: TopBooks, 2008. p.211-233.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: o novo modernismo paulista em meados do século*. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 39-52, out. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701997000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-20701997000200003>.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX**. Bauru: EDUSC, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOTELHO, André; BATISTA, Elide Rugai; VILLAS BOAS, Gláucia (orgs.). **O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2008.

CHIARELLI, Tadeu. **Arte internacional brasileira**. São Paulo: Lemos Editorial, 1999.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

GALVÃO, Maria Rita. **Burguesia e cinema: O caso Vera Cruz**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.

LIMA, Heloísa Espada Rodrigues. **Fotoformas: a máquina lúdica de Geraldo de Barros**. São Paulo: USP, 2006.

MARRACH, Sonia Alem. **Música e universidade na cidade de São Paulo: do samba de Vanzolini à Vanguarda Paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

NAVES, Santuza Cambraia. Os novos experimentos culturais nos anos 1940/1950: propostas de democratização da arte no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.) **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (O Brasil republicano, v. 3).

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. RJ: Zahar, 1967.